

## Editorial

---

Sofia Marques da Silva

---

O último número de 2022 da Revista *Educação, Sociedade & Culturas* publica um conjunto de artigos que refletem preocupações contemporâneas no campo educacional sentidas em diferentes geografias (como o Brasil, Paquistão ou o Reino Unido) e em diferentes escalas (na academia, na escola ou no currículo).

O artigo de Linda Evans, *Being a professor in the 21st-century university: Pressured professionalism in the UK academy*, propõe uma discussão sobre fatores que contribuem para consolidação de trajetórias neoliberais das instituições de ensino superior e que afetam o modo como académicos e académicas têm vindo a gerir os espaços para uma construção da sua profissionalidade. O caso específico aqui retratado é o do Reino Unido, mas a discussão em torno da performatividade e do managerialismo nas instituições académicas tem sido ampla e mais intensa nas últimas duas décadas (Jongbloed & Vossensteyn, 2001; Olssen & Peters, 2005; Veiga et al., 2020). Linda Evans (neste lugar) torna central os desafios colocados à construção de uma profissionalidade académica em tempos de comercialização do ensino e da investigação e da utilização de micro técnicas de gestão que fragilizam os espaços de autonomia.

O artigo *Inter/transdisciplinaridade e Educação Sexual no ensino de Biologia: Problematizações a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* de Elânia Francisca da Silva e Elaine de Jesus Souza foca-se na invisibilidade a que alguns temas têm sido votados na escola pública. As autoras abordam a questão da educação sexual, através de entrevistas a docentes de Biologia e Ciências da rede pública municipal e estadual, alertando para o modo como a invisibilidade de determinados temas como sexualidade, corpo e género tem contribuído para a reprodução de estereótipos e desigualdades e para perpetuar formas dominantes de existência humana. Têm existido vários debates públicos sobre a inclusão de determinadas temáticas, como sexualidade ou género nos currículos escolares, nomeadamente sobre a quem compete educar sobre estas matérias, se à escola, se à família. Uma revisão sistemática da literatura sobre a educação sexual em escolas brasileiras (Furlanetto et al., 2018) indicava, nos seus resultados, a predominância de abordagens morais e de crenças sexistas e

religiosas quer entre a família quer entre docentes com impacto no modo como a educação sexual se entende. O artigo que agora publicamos vem adensar a produção de conhecimento sobre o tema e, em particular, para o contexto brasileiro.

Neste alinhamento, o conservadorismo em educação tem sido sustentado por uma narrativa que considera a escola como um espaço de endoutrinamento ideológico (Teixeira & Henriques, 2022). Reconhecemos esta tendência em vários contextos, nomeadamente no contexto do Brasil com o Programa Escola sem Partido ou no fim do financiamento de programas de estudos de género em universidades húngaras. O terceiro artigo deste número da revista, intitulado *“O cabelo cuidadosamente arrumado para o uso da boina”: Interfaces entre disciplinamento e políticas curriculares*, da autoria de Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho, contribui para este debate. Dedicar-se à análise e interpretação de discursos conservadores protagonizados por diferentes figuras, desde grupos militares, famílias, partidos políticos e religiosos que impõem normas disciplinadoras de comportamentos e de práticas de ensino e aprendizagem, configurando o que o autor identifica como fenómenos de militarização de escolas públicas.

Este número integra dois artigos focados na formação de professores na sua relação com políticas curriculares de formação inicial e a partir do conceito de inovação pedagógica. A falta de professores/as no ensino básico e secundário que se sente um pouco por todo o mundo tem sido um tema público recente. Em Portugal, este problema tem suscitado posicionamentos e recomendações do Conselho Nacional de Educação (2016, 2019) em diferentes momentos, enfatizando a necessidade do reconhecimento e valorização daquela profissão e do seu papel social, mas também a necessidade da sua qualificação e formação para as escolas de hoje. O artigo de Priscila Caroline Dalpiaz, Andreza Cipriani e Marcia Regina Selpa Heinzle, com o título *Tendências da interculturalidade: Contribuições para formação de professores*, aponta lacunas na formação de professores sobre questões de interculturalidade, fundamentais para uma educação emancipadora. Através de uma revisão sistemática da literatura focada no contexto de produção académica brasileira, conclui a ausência de políticas curriculares que intencionalmente promovam a formação para a interculturalidade.

O texto *Perspectivas de inovação na formação docente em cursos de Pedagogia*, de Elisa Christina Ferreira, Marilandi Maria Mascarello Vieira e Odilon Luiz Poli, discute a formação docente a partir do conceito e práticas de inovação em cursos de pedagogia, mas também a partir dos desafios que a sociedade do conhecimento coloca. Com recurso a análise documental e entrevistas em profundidade a coordenadores/as do curso de pedagogia, interpretam-se modelos de formação docente para a inovação que traduzem quer mudanças paradigmáticas de modelos de ensino aprendizagem, quer processos de inovação pedagógica impulsionada por momentos críticos e disruptivos como uma pandemia. Esta questão foi também tratada no número 59 da Revista *Educação, Sociedade & Culturas* (Fernandes et al., 2021), onde vários

estudos deram conta de diferentes raciais que presidiram a tomadas de decisão e definição de práticas em contextos educativos durante a pandemia.

O último artigo analisa precisamente o modo como diferentes contextos se organizaram para responder a demandas do recente período pandémico. No artigo *Remote teaching and learning: A comparative study of Pakistani and Brazilian situations during Covid-19*, os autores Amna Gohar, Mike Ceriani de Oliveira Gomes, Alonso Bezerra de Carvalho e Carlos da Fonseca Brandão analisam o modo como o contexto educacional dos dois países se organizou durante a pandemia e a transição para o ensino remoto. Após desenvolverem uma análise em torno das dificuldades experienciadas em ambos os países, os autores apontam para a necessidade de formação docente no contexto de uma crescente digitalização da educação, bem como para uma maior atenção dirigida a contextos menos privilegiados, dada a desigualdade de acesso ao ensino remoto.

Este último número de 2022 termina com uma nota de esperança com uma revisão de Eunice Macedo à obra de Kathleen Gallagher e Andrew Kushnir (2022), *Hope in a collapsing world: Youth, theater and listening as a political alternative*.

Durante 2022, a Revista *Educação Sociedade & Culturas* publicou ainda dois números especiais, cumprindo duas intencionalidades: ser um espaço onde se debatem temas emergentes em termos sociais posicionando-os no campo da investigação em educação e ser um espaço que, reconhecendo o imperativo da publicação, se associa a práticas de publicação mais educativas envolvendo investigadores/as emergentes, nomeadamente estudantes de doutoramento. Como conciliar o projeto de uma revista científica com formas mais humanistas de fazer e de divulgar conhecimento científico é a questão que se vai continuar a fazer.

O convite feito a Ana Cristina Torres, Angélica Monteiro, Pedro D. Ferreira e Tatiana Zimenkova para organizarem o primeiro número de 2022 tinha como intencionalidade uma publicação privilegiando contributos de investigadores/as juniores, nomeadamente em formação doutoral. Assim, o número 61, intitulado *Participação democrática, políticas e práticas emergentes em educação*, inclui uma coleção de artigos que dão conta de formas de participação democrática de foco juvenil, em diferentes contextos educativos, predominantemente formais. Foi possível percebermos os interesses, no campo educacional, de novas gerações de investigadores/as, o tipo de problemas que procuram investigar, as teorias que mobilizam e compreender porque se engajam em determinados tipos de investigação. Por outro lado, o seu envolvimento não apenas como autores/as, mas também como parte da equipa de revisores/as pode contribuir para uma socialização em diferentes atividades académicas (Austin, 2002; McAlpine & Amundsen, 2007).

O convite feito a Carla Malafaia, Maria Fernandes-Jesus e Eeva Luhtakallio para organizarem um número dedicado ao ativismo climático pretendeu, como referido anteriormente, pontuar a discussão e as questões deste fenómeno a partir do campo científico das Ciências da Educação,

intencionalidade que está alinhada com o caminho que se tem vindo a fazer e a consolidar naquele domínio no Centro de Investigação e de Intervenção Educativas, nomeadamente através do envolvimento em projetos de investigação como o projeto *Cidadania Pelo Clima: Criando Pontes entre Cidadania e Ciência para a Adaptação Climática* (ClimActiC) e o projeto *Healthy Waters - Identification, Elimination, Social Awareness and Education of Water Chemical and Biological Micropollutants with Health and Environmental Implications*, e através da oferta de formação pós graduada.

Assim, o segundo número de 2022, intitulado *Education and climate activism: Youth democratic practices and imaginations towards a common world*, inclui uma diversidade de contributos sobre educação para a mudança climática onde a participação pública da juventude se inscreve. A população jovem herda um mundo em plena crise ambiental e climática, sendo necessária uma verdadeira solidariedade global, ou aquilo que se tem vindo a designar como “ecologias da reparação” (Blanco-Wells, 2021). Este número contém estudos com diferentes alertas, apontando para a necessidade de uma inversão infraestrutural que coloque no centro questões como a justiça climática ou a educação climática para a paz e que questione a supremacia de imperativos económicos que têm conduzido ou fortalecido problemas decorrentes da degradação ambiental. Contudo, temos também que refletir sobre os nossos próprios contextos. A inversão também diz respeito aos nossos modelos de investigação e ao próprio pensamento científico que tem desenvolvido a sua atividade centrada no humano (Braidotti & Bignall, 2018). Ora, considerar a inseparabilidade dos seres humanos de outras formas de vida permite contribuir para perspetivas de inclusão em ecologias mais largas, também de conhecimento, e das quais temos responsabilidade intergeracional de cuidar.

## Referências bibliográficas

Austin, Ann. E. (2002, 2002/01/01). Preparing the Next Generation of Faculty. *The Journal of Higher Education*, 73(1), 94-122. <https://doi.org/10.1080/00221546.2002.11777132>

Blanco-Wells, Gustavo (2021). Ecologies of repair: A post-human approach to other-than-human natures. *Frontiers in Psychology*, 12, 633737. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.633737>

Braidotti, Rosi, Bignall, Simone (2018). *Posthuman ecologies: Complexity and process after Deleuze*. Rowman & Littlefield.

Conselho Nacional de Educação. (2016). *Relatório técnico: A condição docente: Contributos para uma reflexão*. Conselho Nacional de Educação.

Conselho Nacional de Educação. (2019) *Recomendação sobre qualificação e valorização de educadores e professores dos ensinos básico e secundário: Estudos*. Conselho Nacional de

Educação.

- Fernandes, Preciosa, Murillo, Javier, Leite, Carlinda, & Marinho, Paulo (2021). Digital technologies and school education in a pandemic context (COVID-19): Experiences, meanings and effects. *Educação, Sociedade & Culturas*, 59. <https://doi.org/10.24840/esc.vi59>
- Furlanetto, Milene F., Lauermann, Franciele, Costa, Cristofer B., Marin, & Angela H. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 550-571. <https://doi.org/10.1590/198053145084>
- Jongbloed, Ben, & Vossensteyn, Hans (2001). Keeping up performances: An international survey of performance-based funding in higher education. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 23(2), 127-145. <https://doi.org/10.1080/13600800120088625>
- McAlpine, Lynn, & Amundsen, Cheryl (2007). Academic communities and developing identity: The doctoral student journey. In Pamela B. Richards (Ed.), *Global issues in higher education* (pp. 57-83). Nova Science.
- Olssen, Mark, & Peters, Michael A. (2005). Neoliberalism, higher education and the knowledge economy: From the free market to knowledge capitalism. *Journal of Education Policy*, 20(3), 313-345. <https://doi.org/10.1080/02680930500108718>
- Teixeira, Pedro, & Henriques, Adrian (2022). O novo conservadorismo brasileiro e a educação: Mapeando suas linhas de força. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 30(89). <https://doi.org/10.14507/epaa.30.7134>
- Veiga, Amélia, Magalhães, António & Videira, Pedro Videira (2020). Strategizing and managing change in Portuguese higher education. *Perspectives: Policy and Practice in Higher Education*, 24(2), 64-69. <https://doi.org/10.1080/13603108.2019.1575294>